

“QUINTANAR” DE POESIA: POR ENTRE A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

Monique de Moraes Quadros¹, Suzana Feldens Schwertner²

Resumo: O tema deste artigo é a Literatura perpassada nos estudos teóricos durante a formação em Psicologia. “Quintanar” de poesia diz de como as obras de Mario Quintana, poeta gaúcho (1906-1994), podem proporcionar experiências transformadoras na formação do psicólogo. A partir das leituras das obras do poeta, elencaram-se elementos que possibilitam questionamentos em torno dos fazeres e práticas na formação do psicólogo, considerando os elementos: os especialistas; o tempo; a infância. Tomando-se como metodologia a Cartografia, são utilizados autores como Eduardo Passos, Regina Benevides de Barros e Virgínia Kastrup. Conclui-se, a partir desta Cartografia, que a obra de Mario Quintana possibilita experiências transformadoras durante a formação do psicólogo, por meio das interrogações que o autor nos propõe sobre a vida, através de seus olhares sobre o cotidiano.

Palavras-chave: Formação do psicólogo. Literatura. Cartografia. Poesia.

INTRODUÇÃO

Dona Lógica

Dona lógica usa coque e óculos, como aquelas velhas professoras que não se fabricam mais e tão chatas que, no meio da aula, sempre alguém lhes pedia “para ir lá fora”. Sim, dona lógica, a alma também precisa de um pouco de ar (QUINTANA, 2005, p. 682).

Encontrar, na Literatura, um pouco de ar, como propõe Quintana (2005), encontrar uma pista, uma trilha, uma inspiração, uma sensibilidade. Uma nova possibilidade para promoção de movimentos em nossos estudos e práticas na formação em Psicologia é o que se propõe este artigo.

Permitir-se “escapadas” que, durante a formação, possibilitam ver as práticas e os estudos com outros olhares, neste artigo pela Literatura. Pensar na importância de “tomar um pouco de ar”, dentro da formação do psicólogo, neste caso, por meio das obras do poeta gaúcho Mario Quintana. Para isso, elencaram-se dentre as obras do poeta poemas, poesias, sonetos que possibilitaram a construção de questionamentos em torno da formação do psicólogo. Como na passagem *Emergência*: “Quem faz um poema abre uma janela [...] Por isso é que os poemas têm ritmo – para que possas profundamente respirar” (QUINTANA, 2005, p. 395).

A escolha do título se construiu na medida em que a metodologia deste artigo se mostrou semelhante à experiência literária. Ao passo que se perceberam tais semelhanças, o título recebeu o verbo “quintanar”, enquanto uma prática, e não simplesmente um olhar, como que de fora, mas algo que atravessa e intervém por entre as práticas da formação em Psicologia.

1 Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES.

2 Graduada em Psicologia. Doutora em Educação. Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário UNIVATES.

Quintana descreve, nas páginas de suas obras, pequenos olhares sobre o cotidiano, que fazem com que vejamos particularidades da vida, pondo mais interrogações, e fazendo repensar as especificidades da formação. Essa relação entre Psicologia e Literatura pode ser vista neste artigo enquanto uma mistura, uma alquimia. Alquimia esta, que Mario Quintana em suas obras se atreve a fazer, entre assuntos que denunciam o vazio dos espaços e relações, a morte, peculiaridades da vida cotidiana, e mesmo trazem de forma pontual questionamentos sobre saberes que circulam no campo da Psicologia.

O *Mestre Feiticeiro*, como Augusto Meyer chamou Quintana, em crítica impressa no Diário Carioca (Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1951), faz alusão ao título de um dos livros do poeta e amigo. Augusto Meyer se diz um aprendiz de feiticeiro frente às alquimias de Quintana (2005). Abaixo, passagem de *A Fórmula Mágica*, de Quintana (2005, p. 806-807): “Comunico, portanto, que, independente do seu sentido lógico (que pode estar até brilhando pela ausência), o verso é, antes de tudo, uma fórmula mágica. Um poeta vale, feiticeiramente, pelo poder encantatório”.

Poder compor junto com a obra de Quintana a partir das vivências da formação em Psicologia diz de uma bricolagem que, conforme Marschin e Raniere (2012, p. 41), vem a ser um operar a partir do imprevisto, de uma colagem, de reinventar. A ação de bricolar, para os autores, seria possível de fazer por meio da Cartografia, sem desprezar as especializações acadêmicas. O corpo do pesquisador torna-se o instrumento técnico, visto que é a partir da experimentação dele que se dará um contorno para a pesquisa.

Para Marschin e Raniere (2012, p. 42), o bricolar e o cartógrafo se misturam na antropofagia, em que ambos incorporam vidas e devolvem potência ao mundo. Operar a partir dessa alquimia, desta bricolagem entre Psicologia e Literatura, vem servir como ferramenta para a criação das complexidades do pensar que impulsionem novos mapeamentos cartográficos sobre o cotidiano. Nesse caso vem servir para “pôr interrogações” à formação do psicólogo.

Alquimias

Naquela mistura
fumegante e colorida
que a pá
não para de agitar
vê-se
o infinito olhar do moribundo
o primeiro olhar de um primeiro amor
um trem a passar numa gare deserta
uma estrela remota um *pince-nez* perdido
o sexo do outro sexo
a mágica de um santo carregando sua própria cabeça
e de tudo
finalmente evola-se o poema daquele dia
-- que fala em coisa muito diferente (QUINTANA, 2005, p. 482).

Segundo Corazza (2002), essas misturas, alquimias, visam à pluralidade de práticas de pesquisa, constituídas pelas já existentes, como menciona anteriormente a autora, uma alquimia entre a própria Cartografia e, por exemplo, a arte, possibilitando um “artista” por entre a pesquisa, dando um novo contorno à forma da prática de pesquisa. No caso da Literatura e da Psicologia, as obras de Mario Quintana, em sua alquimia, nos possibilitam um “quintanar” de poesia por entre a formação do Psicólogo.

O sarcasmo de Quintana se encontra na maior parte de seus escritos, como no poema abaixo, o qual levanta questões sobre a impossibilidade da neutralidade. A neutralidade impossível de se

fazer, mesmo dentro da formação em Psicologia, que ora se volta para abordagens específicas, mas também pode dizer da própria escolha do tema Literatura e Psicologia, uma escolha relacionada às vivências das pesquisadoras. Abaixo, o poema *Neutralidade*, Quintana (2005, p. 658):

Neutralidade

Só Deus é imparcial – quando, como por exemplo, abençoa as bandeiras dos dois exércitos contrários.

O poema acima diz, também, da pesquisa cartográfica, que, para Corazza (2002), viabiliza encontros singulares que tecem o cartógrafo e sua Cartografia. Costa, Angeli e Fonseca (2012, p. 47) afirmam que: “[...] olho e paisagem são o movimento de movimentos em encontro”. Esses movimentos tornam impossível a neutralidade.

A alquimia, para Corazza (2002), rompe com as orientações metodológicas formalizadas dentro da academia, onde se direciona a pesquisa para abordagens classificatórias, que descrevem em seus métodos deve pesquisar assim ou assado. Essa autora sugere a transgressão metodológica. Por fim, ainda para Corazza (2002), se uma prática de pesquisa está implicada pela nossa própria vida, como na Cartografia, o pesquisador empenha-se em fazer sua existência de outro modo.

Durante a graduação, período em que os livros técnicos são básicos (pois constituem parte necessária aos estudos, às aulas, aos trabalhos) e tomam a maior parte do tempo de leitura do estudante, os livros de poesia, contos e outros passam a não fazer mais parte das listas de livros retirados na biblioteca. Abaixo um pequeno trecho do ensaio “O Morador Distante”, de Quintana (2005, p. 549), do livro *A vaca e o hipogrifo*:

[...] eu me deliciava na Biblioteca Pública do Estado com as revistas de arte à disposição do público: *Art et décoration*, *Die Kunst*, *L’art vivant*, *Le Crapouillot* – são as que me lembro agora. [...] Aquele recolhimento fervoroso entre livros – menos os de estudo – foi a época mais viva que eu tive, antes que a vida propriamente dita me pegasse, me rolasse, me não sei o quê [...].

As escapadas possibilitaram que Quintana vivesse intensamente um momento de sua vida e, por entre as suas obras, possibilitam, dentro da formação em Psicologia, suportar ou ajudar a pensar o peso dos estudos acadêmicos, para que se possa viver de forma intensa essas experiências. A partir da bricolagem entre Psicanálise e Poesia, Gutfreind (2014, p. 159) afirma: “Cachaça sem atenuação do limão e o açúcar na caipirinha. Dois ofícios impossíveis. Caóticas, dolorosas, mal e mal contidas pelas artes, cheias de vida, humanas, demasiadamente humanas”.

ALQUIMIA ENTRE LITERATURA E FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

Como mencionado anteriormente, este artigo se ensaia a partir da metodologia de pesquisa cartográfica. Conforme Passos e Barros (2010), uma primeira pista norteadora é que *toda a pesquisa é intervenção*. Esses autores propõem a Cartografia enquanto pesquisa-intervenção, afirmando que não há como separar: o conhecer e o fazer, o pesquisar e o intervir.

A palavra intervenção pressupõe uma interação direta com outros sujeitos, ou seja, que o pesquisador frequente o território do outro sujeito, por exemplo. No caso desta pesquisa, o instrumento técnico é o corpo do pesquisador, pois é preciso habitar o território com o qual interage. Nesta pesquisa o território é da formação do psicólogo atravessado pelo plano poético, por meio das obras de Mario Quintana. O poeta afirma que, ao invés de materializar objetos, ou seja, objetivá-los, ele desmaterializa, subjetiva objetos, a partir da leitura de seus poemas. Por isso, o corpo do pesquisador se torna um instrumento que, subjetivado pelos poemas, intervém.

Operação Alma

Há os que fazem materializações...
Grande coisa! Eu faço desmaterializações.
Subjetivações de objetos.
Inclusive sorrisos,
Como aquele que tu me deste um dia com o mais puro azul de teus olhos [...] (QUINTANA, 2009, p. 438).

Para Kastrup (2010), devem-se analisar dois pontos sobre a atenção do cartógrafo: a própria função da atenção, que não diz respeito à mera seleção de informações, e a detecção e apreensão de material, que requer concentração sem focalização, a chamada “atenção flutuante”. A abertura do cartógrafo para uma atenção flutuante não significa que ele deve prestar atenção em tudo o que lhe acontece. Conforme afirma essa autora: “Signos são acolhidos numa atitude de atenção de ativa receptividade” (KASTRUP, 2010, p. 40).

Como descreve Quintana (2005, p. 346) em um trecho *Do Caderno de um Peripatético*: “[...] Andando, ouve-se uma frase aqui, outra ali adiante. A questão é ter paciência, uma paciência meio atenta e meio distraída, como se fosse numa pescaria [...]”. Para a elaboração deste trabalho as pesquisadoras passaram por essa pescaria, entre uma leitura meio atenta e um tanto quanto distraída.

A poesia se faz por meio de comunicação, uma comunicação entre leitor e obra. Quintana, no trecho retirado do poema *Comunicação*, do livro *Da preguiça como método de trabalho*, fala sobre a identificação entre leitor e poeta. O poeta, a partir dessa semelhança entre ambos, tem a pretensão de individualizar seus leitores, no sentido de enaltecer as particularidades que nos tornam seres singulares. No poema abaixo, o poeta fala sobre a leitura, essa que subjetiva objetos, interioriza objetos em seus leitores. Trata-se da comunicação íntima entre leitor e obra, que produz sentido e individualiza.

Comunicação

[...] Isto apenas vem provar que a leitura é um remédio para a solidão em que vive cada um de nós neste formigueiro. [...] Porque o autor escreve, antes de tudo, para expressar-se. Sua comunicação com o leitor decorre unicamente daí. Por afinidades. [...] E o sonho do escritor, do poeta, é individualizar cada formiga num formigueiro, cada ovelha num rebanho – para que sejamos humanos e não uma infinidade de xerox infinitamente reproduzidos uns dos outros (QUINTANA, 2009, p. 654).

Por isso Larrosa (2004a) afirma que não é o leitor que dá razão ao texto, é o texto que lê o leitor. O texto literário interroga, questiona o leitor sobre si, sobre sua singularidade, para, assim, se fazer pensar de outro modo, provocando a transformação do mesmo, como em “A revelação”, de Quintana (2005, p. 532), no livro *A vaca e o hipogrifo*:

A revelação

Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... e não a gente a ele!

É por meio dessas experiências singulares, em que as palavras dão sentido ao que somos; em que o diálogo silencioso entre leitor e poeta é capaz de fazer surgir novas construções acerca de si. Larrosa (2002) inicia questionamentos acerca do homem enquanto um ser vivente de palavra, tecido de palavra. Palavras que, conforme Quintana, são rios, pássaros etc. que nos afetam fazendo-nos sacudir certas questões dentro de nós, como na passagem abaixo:

Epístola aos Novos Bárbaros

Jamais compreenderéis a terrível simplicidade das minhas palavras
porque elas não são palavras: são rios, pássaros, naves...
no rumo de vossas almas bárbaras.

[...] E eu na verdade não vos trago a mensagem de nenhum deus.

Nem a minha...

Vim sacudir o que estava dormindo há tanto dentro de cada um de vós (QUINTANA, 2009, p. 618).

Ainda, para Larrosa (2002), as palavras fazem coisas conosco assim como nós fazemos coisas a elas. E, quando fazemos coisas com as palavras, quando damos sentido ao que somos e ao que nos acontece por meio das palavras, correlacionamos as palavras e as coisas. Como em "O poema", de Quintana (2005, p. 203), no livro *O aprendiz de feiticeiro*:

O Poema

O poema é uma pedra no abismo,

O eco do poema desloca os perfis:

Para bem das águas e das almas

Assassinemos o poeta.

Em resumo, pode-se constatar que as experiências de transformação que Larrosa (2002) menciona colocam a Literatura num papel de produtora de subjetividade. Os escritos de uma obra (poemas, crônicas, contos) são expressão de subjetividade do autor que a cria e proporcionam experiências de reflexão, participando da subjetividade do leitor, possibilitando transformações.

Este artigo propõe, a partir disso, a emergência de uma aliança entre arte e Psicologia, pela escrita literária, como uma via possível na busca por nova sensibilidade, que conduz a Literatura por entre a formação do psicólogo.

Para se pensar esses movimentos literários dentro da formação do Psicólogo, os elementos elencados a partir da obra do poeta Mario Quintana são: *Os Especialistas*; *O Tempo*; *A Infância*. A partir disso, iniciam-se, a seguir, problematizações sobre um dos elementos elencados para se pensar os fazeres e as práticas em Psicologia para além das especificidades da formação.

No elemento *Os Especialistas* serão problematizadas questões em entorno de conceitos que baseiam as práticas do Psicólogo, como clínica ampliada e integralidade. O elemento *O Tempo* trará a intensidade das relações se contrapondo ao tempo cronológico, fazendo pensar na ética e no papel da escuta no trabalho do Psicólogo. Já *A Infância* vem pensar no devir criança enquanto possibilidade de invenção, tanto na vida quanto na formação do Psicólogo. Inicia-se, portanto, com o elemento abaixo, *Os Especialistas*.

OS ESPECIALISTAS

XXVIII .“Do homo Sapiens”

E eis que, ante a infinita Criação,

O próprio Deus parou desconcertado e mudo!

Num sorriso, inventou o *homo sapiens*, então,

Para que lhe explicasse aquilo tudo... (QUINTANA, 2009, p. 216, grifos do autor).

E assim criam-se os *homo sapiens* especialistas de cada área. Quintana apresenta em suas obras uma satirização da vida, desde pequenas ações cotidianas até assuntos políticos debatidos

amplamente no mundo. Ele nos põe interrogações frente à vida, em específico frente às práticas cotidianas engessadas, posto que tantos outros “*experts*”, na contramão, trazem afirmações.

Mario Quintana (2005, p. 281) nos ensina a desler, como em “A educação”, na obra *Caderno H*. A arte de desler nos propõe repensar práticas instituídas na formação, possibilitando-nos romper com as barreiras das especificidades.

Educação

O mais difícil, mesmo, é a arte de desler.

As especialidades, dentro do campo da Psicologia, como a Psicanálise, são tomadas na obra do poeta Quintana sob a forma de sátira. Quintana (2005, p. 732) satiriza os saberes, que fazem parte da abordagem psicanalítica, como em “A Baratose”, do livro *Da Preguiça como Método de Trabalho*:

A Baratose

Sempre me sento de costa para a parede, talvez por uma precaução atávica contra balas e facadas (quem sabe onde terão vivido meus mais remotos antepassados?).

É que sofro da psicose das baratas, isto é, da terrível baratose, que me faz ficar às tontas quando em meio de uma sala.

Diz um meu amigo psicanalista que isso é devido à nostalgia da perda segurança da vida fetal – os analistas nunca deixam a mãe em paz! [...].

O modelo biomédico ainda assombra os fazeres dentro da formação em Saúde, pois conforme Medeiros, Bernardes e Guareschi (2005), as políticas públicas em saúde, a partir de considerações de cunho médico, abordam a saúde do corpo enquanto organismo biológico por meio de práticas médicas. A partir disso, por exemplo, alguns psicólogos em formação não se permitem acompanhar atendimentos com estudantes de Fisioterapia, por entender que não compete a seu campo de saber práticas como essas. A passagem abaixo, de Quintana (2005, p. 260), propõe pensar essa divisão entre os saberes, por especificidades que não se permitem afetar pelo campo do outro:

Dúvida

Velha governanta do filósofo Descartes; avarenta e pechincheira, desconfia de tudo e de todos, menos dela.

Um campo de saber, apenas, não dá conta das problemáticas recebidas na área da Saúde. A multiprofissionalidade vem a ser uma via possível, portanto, pois, conforme Barros (2006), a multiprofissionalidade implica em que diferentes vozes se deixem escutar. É preciso mais do que experiência, é preciso haver diálogo entre os saberes e, acima disso, estar atento ao desejo daquele que busca um serviço, como Quintana apresenta na passagem abaixo:

XCVIII. Da experiência

A experiência de nada serve à gente.

É um médico tardio, distraído:

Põe-se a forjar receitas quando o doente

Já está perdido... (QUINTANA, 2005, p. 229).

Durante a formação é necessário se permitir olhar para os cuidados em saúde, também, a partir de especificidades que não só as da formação de um psicólogo. Não se trata de fazer-se um saber menor frente aos outros, mas de criar novos possíveis junto com outros saberes.

Na formação de um psicólogo alguns conceitos norteiam suas práticas, tais como conceito de Clínica Ampliada, de Integralidade, Interdisciplinaridade e até Transdisciplinaridade. São conceitos, como dito acima, que baseiam as práticas em saúde, e para além, servem como ferramenta para se pensar as práticas instituídas na área da saúde.

Partindo do conceito de Clínica Ampliada que o Ministério da Saúde (BRASIL, 2007) divulga, este conceito propõe ao profissional da saúde que ele desenvolva uma capacidade de ajudar os sujeitos não combatendo só às doenças, mas fazendo com que o sujeito se transforme de forma que a patologia, mesmo o limitando para algumas coisas, não o impossibilite de viver sua vida.

A proposta da Clínica Ampliada, além de buscar a autonomia do sujeito, visa a desenvolver a capacidade de equilibrar o combate à doença com a produção de vida. A Clínica Ampliada exige, portanto, dos profissionais de Saúde um exame permanente dos próprios valores e dos valores em jogo na sociedade.

Outro conceito norteador da formação e prática profissional de um psicólogo é o conceito de integralidade, que nasceu com a Reforma Sanitária e que, conforme Barros (2006), vem a ser compromisso da construção de um sistema de saúde equânime, universal e democrático. A integralidade se refere, ainda para Guizardi e Pinheiro (2004, apud BARROS, 2006, p. 152), a uma “entre-relações de pessoas”, ação integral como efeitos e repercussões de interações positivas entre usuários, profissionais e instituições, proporcionando um tratamento digno com qualidade, acolhimento e vínculo.

Os dois conceitos descritos acima, conceito de Clínica Ampliada e Integralidade, se voltam para a ação conjunta dos profissionais da Saúde, para proporcionar mais do que tratamento curativo, mas produção de Saúde. Zurba (2011) lembra que, historicamente, a área disciplinar da Psicologia não esteve habituada a compartilhar conhecimentos de experiências clínicas, de tal forma que praticamente todas as intervenções sobre sintomas psicológicos permaneceram anos a fio como “propriedade” da intervenção clínica, bem como restritas ao modelo privatista.

Sendo assim, conforme Vilela e Mendes (2003, p. 527): “É nesse contexto, que se coloca a interdisciplinaridade [...] como alternativa para substituição de um jeito de produzir e transmitir conhecimento, se propõe a ampliar a nossa visão de mundo, de nós mesmos e da realidade, no propósito de superar a visão disciplinar”. Superar essa visão que restringe os campos de saberes a práticas que não se permitem construir ações conjuntas é a via para que o conceito de interdisciplinaridade atue dentro das práticas de saúde.

Por fim, os conceitos apresentados servem como ferramentas que nos auxiliam a pensar as práticas dos profissionais da área da Saúde. E a poesia vem agregar, no sentido de se fazer ferramenta para pensar sobre os próprios conceitos que baseiam nossos estudos e práticas. A poesia também propõe pensar sobre acolhimento e vínculo, sobre o fazer entre-relações, pois poesia se baseia nas relações cotidianas que se fazem entre as pessoas, para muito além dos especialistas.

O TEMPO

Seiscentos e Sessenta e Seis

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...

Quando se vê, já é 6ª feira...

Quando se vê, passaram 60 anos...

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,

eu nem olhava o relógio

seguia sempre, sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas (QUINTANA, 2009, p. 479).

Quando se vê, seu diploma já lhe foi entregue. A pressa, o tempo cronológico, não nos permite viver a vida e as relações em sua intensidade, em específico a intensidade das relações dentro da formação, sejam com colegas do curso de Psicologia, sejam com os colegas de outros cursos, durante o estágio. E, quando mencionada a intensidade das relações dentro da formação, diz de como a formação atravessa e transforma, ou não, o estudante em formação.

Habitar o território da poesia dentro da formação em Psicologia é poder amplificar problemáticas da vida cotidiana e da formação em Psicologia, neste caso por meio das obras de Mario Quintana, para se tentar acessar a intensidade desse território. Cartografar nesse meio é traçar um plano problemático; como dito anteriormente, é amplificar um problema – no caso aqui, o tempo, a temporalidade. A poesia se contrapõe à pressa contemporânea, visto que a pressa impossibilita que se viva o tempo da intensidade; viver a intensidade das relações.

Para isso é preciso se refugiar, e a Literatura possibilita um refúgio sem tempo determinado e sem pressa, no meio de um mundo que corre, que oferece às pessoas sempre mais e se recicla constantemente as coisas, e talvez as relações. Um refúgio, para Monteiro (2008), é escrever histórias, narrativas, para além dos fazeres do seu trabalho como jornalista; para Quintana, era escrever seus poemas. Conforme Quintana (2005, p. 666): “Não cabe ao poeta entre os homens o [...] encargo de Relações-Públicas. E sim de Relações-Íntimas. Poesia é comunicação... a sós”. Ambos visando a expressar-se a partir dos escritos: um narrativo, outro lírico. O refúgio que esta pesquisa propõe é a leitura de Literatura na formação do profissional psicólogo.

Conforme Gutfreind (2014, p. 27): “O tempo é terrível se não encontra a película da Literatura. Se não encontra a película da subjetividade. Em casos como este, só a Literatura salva. Às vezes, a psicanálise. Intermináveis”. Intermináveis, Literatura e Psicanálise, pois ambas não deixam de servir com o passar do tempo, não deixam de fazer sentido, tendo em vista que elas se propõem a trabalhar com as subjetividades, seja a dos que leem, ou a dos que se propõem a realizar análise, e a subjetividade humana não compartilha da lógica do tempo cronológico. A subjetividade humana possui todas as nossas idades ao mesmo tempo. Em *Cronologia* Quintana (2005, p. 724) afirma:

Cronologia

“Se a infância ajudou o poeta?”, indaga-me uma entrevistadora. “Sim, o menino faz parte do adulto. [...] no fim de contas, a cronologia deve ser um truque do calendário para efeitos de computação histórica. Temos todas as nossas idades ao mesmo tempo.

Para Kastrup (2005, p. 57), a experiência poética problematiza o sentido habitual das palavras, deixa mais perguntas do que respostas. É um instrumento poderoso, no sentido de proporcionar o acesso à virtualidade do si. A leitura, ainda para a autora, é uma experiência que nos conduz a um afastamento do mundo externo e um recolhimento e relação para consigo. Esse é o tempo da intensidade, que nada tem a ver com o tempo cronológico, o último diz de um tempo sem tempo de viver as relações. Abaixo um trecho do poema *Ah! Os relógios*, de Quintana (2005, p. 876):

Amigos, não consultem os relógios [...]
Porque o tempo é uma invenção da morte:
Não o conhece a vida – a verdadeira –
em que basta um momento de poesia
para nos dar a eternidade inteira.[...]

Um momento de poesia dentro da graduação, visto que, conforme Larrosa (2002), a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade é característico do mundo moderno. Este mundo em que cada acontecimento nos excita por um momento e imediatamente é substituído, sem deixar nenhum vestígio do anterior. O sujeito moderno é um consumidor insaciável de notícias, eternamente insatisfeito. Sujeitos acelerados, de formação permanente, sujeito que usa o tempo como valor ou como mercadoria, que não pode perder tempo.

A pressa de um vestibulando para escolher um curso ao qual irá dedicar-se por toda sua vida profissional; a pressa para fazer quantas disciplinas for possível para conquistar o diploma, para dar início à atuação profissional. A pressa que nos impossibilita viver a experiência, esta que nos toca, nos atravessa e nos transforma em profissionais do humano e do cuidado. A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça, para Larrosa (2002, p. 24), requer:

[...] um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Escutar o outro, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência, fariam parte da prática do psicólogo; e um momento de poesia, um tempo para respirar “lá fora”, facilita a abertura para esses gestos de sensibilidade dentro e fora da graduação. É o momento de suspiro para se pensar sobre a vida a partir de um encontro consigo e com os outros. É olhar para dentro de si a partir da relação entre, neste caso, a arte literária e o aluno em formação, dando-lhe a possibilidade de rever a si, em ética, para transformar-se e mais tarde de novo e de novo, sem pressa.

A INFÂNCIA

Incompletude

Triste de quem não conserva nenhum vestígio da infância... (QUINTANA, 2009, p. 825).

Ciclo inicial da vida, a infância deixa marcas no adulto que somos hoje. Na infância não se tem pressa de viver – se vive intensamente as amizades –; não se tem vergonha de perguntar, de sentir dúvida. É ter medo e admiti-lo. É ter facilidade em inventar novas possibilidades de existir, ser criativo mesmo que não se tenha muito com o que criar. Como despertar a criança em cada um de nós? A criança curiosa e questionadora, esta que durante a formação pode nos provocar a não tomar as coisas como dadas, mas construir novas possibilidades?

As crianças, conforme Larrosa (2004b), esses seres estranhos dos quais pouco se sabe, mesmo que tenhamos vasta literatura sobre a constituição e o desenvolvimento infantil, mesmo que se tenham tantos especialistas voltados para o cuidado com a criança, ainda assim inquieta a segurança dos saberes. Para esse autor, pensar na infância é pensar num outro que põe em questão nossas práticas e abre um vazio nas nossas instituições de acolhimento. Um outro que escapa a qualquer objetivação ou objetivo.

Durante a graduação, os psicólogos em formação passam por disciplinas como *Psicologia do Desenvolvimento I, II e III*, além de *Psicoterapia com Crianças e Adolescentes*, já com um foco no atendimento individual. Em *Psicologia do Desenvolvimento I*, a Infância é o foco para pensar as relações que se fazem na infância. Propõe-se que essa fase vital vem a dizer muito do ser que se desenvolverá

dali por diante. Essa ideia é construída a partir dos estudos da Psicologia sobre o desenvolvimento infantil. As primeiras marcas da relação mãe-pai-bebê, a apresentação da criança ao mundo pelos pais, as primeiras relações para além do núcleo familiar, os primeiros questionamentos sobre o mundo.

Visto isso, teorias como esta do desenvolvimento infantil, que se apresentam deterministas, estudadas na formação do psicólogo, com apoio complementar da leitura literária, podem ampliar os questionamentos. Somente o que se vive nesses primeiros anos de vida seria determinante para toda a constituição de uma pessoa?

De fato a infância, fase em que damos início as nossas relações com o mundo, deixa marcas que serão levadas por nossa vida toda. Nessa fase a curiosidade, a busca por aprender coisas novas, põe em dúvida o que antes era certeza para o adulto. Gutfreind (2014) afirma que o mais triste é quando os adultos, se vendo impotentes diante dos questionamentos das crianças, as convencem de parar de perguntar. Quintana (2005, p. 346) apresenta essa ideia na passagem de *Do Caderno de um Peripatético*:

Do Caderno de um Peripatético

[...] E como a rua que vou descendo se chama casualmente Rua da Praia, aqui te dou de presente este lambari que acabo de fisgar de passagem:

- Mamãe, motociclo corre mais do que bicicleta?

Não ouvi resposta nenhuma da bela dama que levava o menininho pela mão: as mães nem sempre adivinham tudo.

Para Larrosa (2004a), quando uma criança nasce, ela se expõe por completo ao olhar do adulto e se diz que o recém-nascido é aquilo que colocamos nele. Nessa fase a criança começa a estar no mundo e a ser um de nós. Ainda, para o autor, o nascimento de uma criança é algo novo que dissolve a solidez do mundo, suspendendo a certeza que temos sobre nós mesmos. O que esse autor indica é que o nascimento interrompe toda cronologia:

Pelo fato de que constantemente nascem seres humanos no mundo, o tempo está sempre aberto a um novo começo: ao aparecimento de algo novo que o mundo deve ser capaz de se renovar; à vinda de algo novo ao qual tem de ser capaz de responder, ainda que, para responder, deva ser capaz de se colocar em questão (LARROSA, 2004a, p. 189).

A alteridade da infância, conforme Larrosa (2004a), nunca é apreendida nosso poder, é preciso colocar-se à disposição para escutá-la e abrir lugar para recebê-la. Para esse autor, trata-se de devolver à infância sua presença enigmática. Não há como decifrar este enigma, a infância é multicolor, multifacetada, sem direção ou cor que prevaleça; o mundo é visto em cores vivas, sempre há intensidade e potência para tudo o que vê.

Verbetes

Infância – A vida em technicolor.

Velhice – A vida em preto-e-branco.

A vida sob a ótica da infância, conforme Quintana (2005, p. 527) na passagem acima, se mostra multicolorida, como se a criança não tivesse adotado pra si, ainda, as cores que mais gosta. Ainda não possui opiniões definitivas acerca do mundo, apenas vive e cria com os recursos que têm. A Literatura nos faz voltar para essa fase multicolor, para se criar novos mundos para além do preto-e-branco, e a leitura de obras literárias incita a criatividade do leitor. Como afirma Gutfreind

(2014, p. 27): “Eis o paradoxo. Não podemos estar fora da realidade, mas sem imaginação não a suportamos”.

Falar de Literatura é falar de vida; de imaginação, de sonhos cotidianos; da invenção. Falar de vida e de sonhos é falar do fazer do psicólogo, é falar das relações que se encontram perpassando à formação. E em intensidade a infância acrescenta mais cores ao se falar de vida, de sonhos, das relações, e do fazer do psicólogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos que levaram as pesquisadoras a construírem este artigo com temas tão distintos e ao mesmo tempo tão parecidos, Literatura e Psicologia, se justificam por entenderem que a Literatura é uma via possível para problematizar as práticas do psicólogo, em especial aquelas que envolvem o psicólogo em formação. A leitura de Literatura poderia ser adotada de forma complementar ou adicional, ou ainda, como uma atividade componente da matriz curricular do curso de Psicologia, sendo um instrumento de formação ética, o qual, como Freire (2008) afirma, contribuiria para a formação de profissionais do cuidado.

Este trabalho fez concluir que a Literatura, para além dos textos teóricos básicos na formação do psicólogo, possui grande importância, à medida que possibilita interrogar nossas práticas e saberes. Entende-se que se faz importante adotar, dentro da formação do psicólogo, a Literatura, de forma complementar, por ser um campo que contribui para ampliar as interrogações necessárias para repensar a formação do psicólogo. Quintana (2005, p. 278) afirma, em passagem *Das indagações*: “A resposta certa não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas”.

Dentro do elemento *Os Especialistas*, construíram-se questionamentos em torno do modelo biomédico, o qual ainda assombra os fazeres dentro da formação em saúde. Também, há a afirmação de que um campo de saber não dá conta sozinho diante de problemáticas enfrentadas no campo da Saúde. Pode-se constatar a importância dos conceitos que baseiam as práticas do psicólogo, como os conceitos de Clínica Ampliada, de Integralidade e Interdisciplinaridade apresentados neste artigo. Esses conceitos vêm auxiliar a pensar e repensar a atuação profissional, seus saberes e práticas. A partir disso entende-se que a Literatura amplia as interrogações acerca da formação, interrogando até mesmo os conceitos que as baseiam, colocando em questão as especificidades da formação.

A partir do elemento *O Tempo*, pode-se afirmar que a Literatura possibilita um refúgio sem tempo e pressa, visto que a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, conforme Larrosa (2002), é uma característica do mundo moderno. Pode-se constatar que um momento de poesia, como um tempo para respirar “lá fora”, facilita a abertura para esses gestos de sensibilidade dentro e fora da graduação.

No elemento *A Infância* se construíram questionamentos sobre como se poderia despertar a criança que há em todos nós, visto que a infância é caracterizada pela fase em que se tem facilidade em inventar novas possibilidades de existir, ser criativo mesmo que não se tenha muito com o que criar. Constatou-se que a Literatura, tendo em vista a capacidade imaginativa que envolve a leitura literária, remete à infância, ao ser criança, visto que a leitura de obras literárias incita a criatividade do leitor. Falar de Literatura é falar da vida, da imaginação, dos sonhos (MONTEIRO, 2008), e falar disso, como aqui entendemos, é falar das relações e atravessamentos que perpassam a formação do psicólogo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Desafios ético-políticos para a formação dos profissionais de saúde: transdisciplinaridade e integralidade. In Pinheiro, Roseni; Ceccim, Ricardo Burg (orgs.). **Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2006, p. 131-150.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Núcleo Técnico da Política Nacional de humanização**. Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular. 2. ed. série B. Brasília: Ministério da Saúde, 2007, p. 9-13.
- CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos de pesquisa, diante dos ferrolhos. In: Costa, Marisa C. Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2002, p.105-132.
- COSTA, Luis A.; ANGELI, Andréa do A. C. de; FONSECA, Tania M. G. Cartografar. In: Nascimento, Maria L. do; Maraschin, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 45-47.
- FREIRE, José Célio. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 2, 2008. Recuperado em 20 de ago., 2013 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672008000200002&script=sci_arttext.
- GUTFRIEND, Celso. **A infância através do espelho: a criança no adulto, a literatura na psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 19 – 27.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do catógrafo. In: Passos, E.; Escóssia, L. da.; Kastrup, V. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 32-51.
- KASTRUP, Virgínia. O devir-consciente em rodas de poesia. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 17 - n. 2, p. 45-60, Jul./Dez. 2005. Recuperado em 14 de ago., 2013 da SciELO (Scientific Electronic Library Online): <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n2/v17n2a05.pdf>.
- LARROSA, Jorge. Leitura e metamorfose. In:_____ **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a, p. 97 – 113.
- LARROSA, Jorge. O enigma da infância: ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In:_____ **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b, p. 183-197.
- LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002, nº 19. Recuperado em 20 de ago., 2013 da ANPED: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf.
- MARASCHIN, Cleci; RANIERE, Édio. Bricolar. In: Nascimento, Maria L. do; Maraschin, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 41-43.
- MEDEIROS, Patricia Flores de; BERNARDES, Anita Guazzelli; GUARESCHI, Neuza M. F. **O Conceito de Saúde e suas Implicações nas Práticas Psicológicas**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez 2005, Vol. 21 n. 3, p. 263-269.
- MONTEIRO, Rosa. **A louca da Casa**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Kastrup, V.; Escóssia, L. da.; Passos, E. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: Kastrup, V.; Escóssia, L. da.; Passos, E. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 109-129.

QUINTANA, Mario. Cronologia da vida e da obra. In: Carvalhal, Tania Franco (org.) . **Mario Quintana: Poesia Completa: volume único**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

QUINTANA, Mario. **Da preguiça como método de trabalho**. Moriconi, Italo (org.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, 224 p.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

VILELA, Elaine Morelato; MENDES, Iranilde José Messias. Interdisciplinaridade e Saúde: Estudo Bibliográfico. **Rev Latino-am Enfermagem** 2003 julho-agosto; 11(4):525-31.

ZURBA, Magda do Canto. Contribuições da Psicologia Social para o psicólogo na Saúde Coletiva. **Psicologia & Sociedade**, 2011, 23(n.spe.), p. 5-11.